



SERTÃO + TRANSVIADO

2016 / Nº 01 / JORNAL DO PROJETO ANUS LIVRES - MÍDIAS RADICAIS E HISTÓRIAS MARGINAIS - JORNALISMO UFCA



Saullo, a Rainha dos Tijolos

Recém-chegada ao mundo de celebridade, a barbalhense Saullo Berck conta em entrevista exclusiva como subiu e dançou nos tijolos pela primeira vez. A performer fala sobre os dilemas de jogar seu corpo no mundo e se mostrar para o ciberespaço e para as ruas do Cariri.

#VULVAEU: viva elas

Feminista e negra, Nirvana Lima assina coluna sobre a liberdade das mulheres de usar ou não o sutiã.

De Batom e Salto 15

O professor e dançarino Nicolas Bergson explica como atravessou a ponte da descoberta de si com muito glamour e coragem

Piquenique no Front

Entre mãos e minas, a 6ª edição do Piquenique Feminista celebrou a partilha de histórias e companheirismo

Close nas Travesti

O pesquisador Samuel Macêdo da UFBA discute as produções alternativas audiovisuais regionais sobre gênero

Bordados Subversivos

Élida Gomes, jornalista e feminista, reinventa o ato de bordar



Abril o Ânus

Ribamar Junior

No dicionário, a palavra Transviado é um adjetivo substantivo masculino que quer dizer extra- viado, perdido ou aquele que não obedece aos padrões comportamentais vigentes. Para alguns teóricos de Gênero e Sexualidade, o termo é uma adaptação brasileira do Queer — traduzido do inglês como “estranho”. Por muito tempo o queer foi ofensivo aos homossexuais, mas hoje serve para designar pessoas que não seguem o padrão da heterossexualidade ou do binarismo de gênero.

O periódico Sertão Transviado é uma realização do projeto Ânus Livres - Mídias Radicais e Histórias Marginais, vinculado à Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri. Bimestralmente, o jornal trará a leitura de um Cariri marginal, inclusive chamado por alguns pesquisadores de Queerir, com conteúdos relacionados ao movimento LGBT e ativismo Queer. A primeira edição foi baseada na Abertura do Ânus, evento que abriu as atividades do projeto no mês de março.

Abril o ânus, abriu a primavera nos dentes. Nesta edição, você

acompanha as matérias e mergulha em um mundo subversivo. O dançarino Nicolas Bergson traz um pouco do Stilleto Dance. A repórter Mariana acompanhou a 6ª edição do Piquenique Feminista e foi conferir de perto os bastidores e linhas da jornalista e feminista Élide Gomes, que faz do bordado, prática que se originou pelas mãos de mulheres, em instrumento de luta. A repórter Izabelly foi assistir qual é o Cariri transgressor que ocupa as produções audiovisuais na companhia do pesquisador Samuel Macêdo. Ainda, você segue até as Malvinas na terra de Santo Antônio, para acompanhar a tardada web-celebridade Saullo Berck, que nos conta um pouco sobre os dilemas da fama e os planos futuros.

Nas colunas #vulvaeu, sobre feminismos, assinada por Nirvana Lima e #descascandobananas, sobre masculinidades assinada por mim, você fica por dentro das pequenas opressões cotidianas que por vezes passam despercebidas a olho nu. De quebra, em todas as edições você lerá fotos na sessão #corpofalante, que segue a proposta de se reinventar e naturalizar a nudez. Você faz da poesia, do movimento que cada verso faz na

língua dentro boca, prazer, alcançando com os dois dedos, orgasmos. Por fim, temos dicas de filmes, livros e séries que envolvam temática além da agenda dos movimentos sociais na região.

Ouvimos de algumas pessoas que elas não leriam nosso conteúdo apenas pelo nome. Isso nos fez hesitar em uma mudança, mas seguimos o conselho de um amigo, “Se ouvirem isso, estão no caminho certo”. A nossa principal proposta é inventar o sertão através daqueles que são considerados marginais. Para assim, perceber a marginalidade como um território de destaque e de desfrute. Sertão Queer, Cuir. Cu ir.]

EXPEDIENTE

Ano 1 / Edição 1
Juazeiro do Norte, Abril de 2016
Jornal do Projeto Ânus Livres
- Mídias Radicais e Histórias
Marginais - Jornalismo UFCA

Professor Orientador
José Anderson F. Sandes

Projeto Gráfico
Isaac Brito

Ilustração
Iurio Ferreira
Denise Silva

Texto e Fotos
Ribamar Júnior
Izabelly Macêdo
Mariana Caselli

Colaboração
Nirvana Lima
Maria Clara Feitosa



#VulvaEu

Mãe, afasta de mim esse sutiã!

Nirvana Lima

Dia desses perdi o Kariri Tur - ônibus de contrato que leva estudantes do Crato para as universidades juazeirenses. A forma alternativa de chegar até o meu destino, a UFCA, seria pegar uma condução intermunicipal, e assim fiz. Estava distraída no Via Metro, atenta a música advinda dos meus fones de ouvido e a borrada paisagem externa nos vidros, até desviar o olhar. O intrigante estava lá, no corredor do ônibus.

Mulher e menina se dirigiam para a porta de saída. Cena perfeitamente normal, se aquela criança, de idade não superior a dez anos, não estivesse usando sutiã. Um sutiã de renda e bojo, branco, estilo nadador. Aquela situação me deixou perplexa e nostálgica.

Lembro do meu primeiro sutiã. Minha mãe ganhou de presente, porém era pequeno demais pros seus seios. Motivo suficiente para eu insistir até que ela me desse. Era verde, também de renda, e passei a usá-lo sempre. Na escola, a maioria das minhas colegas já usavam, e com suas línguas afiadas, criticavam as outras colegas que não o faziam. Quase um "clube do sutiã" com integrantes de idade não superior a 10. Nós não tínhamos seios. Porém o glamour e o tabu oriundo daquela peça íntima já era perceptível aos nossos pares de olhos pueris.

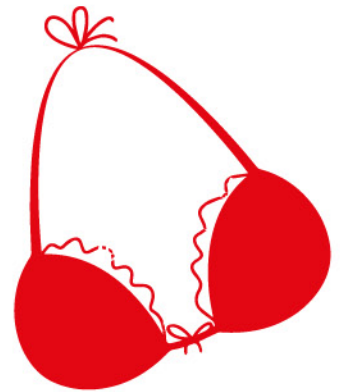
O fato é que, mesmo antes do sutiã, as meninas são advertidas a vestirem-se. Lembro da minha

avó dizendo que eu já estava mocinha pra andar por aí só de calcinha, aos sete. Enquanto o meu irmão, em plena puberdade, ainda anda de cueca dentro de casa sem problema algum. Minha avó estava tentando me proteger. Subliminarmente, estava preocupada, porque o título de "mocinha" me fazia oficialmente objetificada e sexualizada. Percebemos, da pior forma, que a roupa não importa. Que vestidas ou não, mulheres são alvos e vítimas, todos os dias. Não importa a faixa etária.

Os sutiãs de hoje são os espartilhos de antigamente. Desconfortáveis, desnecessários. Alguns prometem levantar os seios e deixá-los mais bonitos (segundo um padrão de beleza, diga-se de passagem) mas são feitos com aros de ferro, quem achucameferem a pele, com o tempo. Os seios compõem uma esfera de opressão maior do que se imagina, diante do corpo feminino e a desigualdade de gênero.

Então, mulher, liberte-se! Liberte seus mamilos. Atente-se a esse item de vestuário que pode ser um amigo enrustido velado de prisão. Se for como eu, que ainda não con-

segue largar completamente esse bendito, pelo menos reflita sobre o porquê de se submeter a ele, todos os dias. E lembre-se: feminismo é liberdade, inclusive de escolha.]



“

Nós não tínhamos seios. Porém o glamour e o tabu oriundo daquela peça íntima já era perceptível aos nossos pares de olhos pueris

”



A Força da Sororidade

Juntando lanches e debate, o Piquenique Feminista vem para unir mulheres de todas as idades através da partilha de histórias e do companheirismo

Mariana Caselli

So.ro.ri.da.de: substantivo feminino que vem do latim sororitas. Significa grupo de irmãs, união entre mulheres que se reconhecem como irmãs. No fim do ano passado, essa união tornou-se mais necessária que nunca para as caririenses: o machismo nas universidades era – e continua sendo – gritante, por parte dos alunos e dos professores. E foi pensando em combater essa opressão que o piquenique feminista surgiu.

“O Piquenique não aparece pra mim como algo opcional, ele é necessário. São várias meninas, de várias idades, com diferentes maneiras de pensar e se comportar unidas por um único objetivo: se unir para destruir o patriarcado

que nos violenta” diz Alana Maria Soares, uma das frequentadoras do piquenique.

Vamille Furtado, outra jovem que ajuda a construir o piquenique, diz que os encontros são uma forma de unir e fortalecer as relações entre mulheres. “A troca de experiências e a identificação que temos ao conversar e compartilhar nossa vivência é um apoio enorme e ajuda muito a seguir enfrentando o machismo diariamente. Ouvir outra mulher falar que nossas conversas a ajudaram me deixa muito feliz”.

No sexto encontro do piquenique, que ocorreu dia nove de abril, as mães das meninas foram convidadas. Uma delas, Paula Cristina, nunca havia participado de uma roda de conversa com esse tema,

mas já conhecia o feminismo. “Foi muito positivo. A gente tem de saber que o feminismo já vem impregnado na mulher, ela só precisa conhecer mais para ver que traz consigo a questão feminista” afirma Paula. Segundo Pâmela Queiroz, a importância desse tipo de encontro do Piquenique é quebrar impressões ruins que as mães possam ter em relação ao feminismo.

Para todas que vão às reuniões, o sentimento mais forte é justamente o de sororidade. Em todos os encontros, a roda de conversa tem muito companheirismo, troca de relatos, lágrimas e risadas. Braços que se estendem e envolvem, um cuidado que só cresce, uma mulher dando força à outra, mostrando que não estamos sós: somos irmãs, de vida e de luta.]



Mães e filhas trocam experiências no Piquenique Feministas

Gênero, Cinema e Cariri: Close nas Travesti

Samuel Macêdo, pesquisador da UFBA, fala sobre a mídia, o gênero e as expectativas para produção do audiovisual independente regional



O pesquisador Samuel Macêdo: "A mídia não se preocupa em aprofundar o debate sobre a violência de gêneros"

Izabelly Macêdo

Egresso do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri – UFCA e mestrando em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Samuel Macêdo é um estudioso do cinema e gênero.

Sua trajetória pessoal e o envolvimento com projetos de extensão e movimentos sociais, ainda na graduação, o fizeram despertar para o estudo de gênero e sexualidade. Seu trabalho de conclusão de curso analisou o documentário *Também Sou Teu Povo*, de Orlando Pereira, com o viés da travesti e sua religiosidade, num contexto juazeirense. Em uma das cenas do filme, são retratadas as travestis e o Padre Cícero como as coisas mais importantes do Juazeiro.

A tônica dos grupos ditos mar-

ginalizados puxou Samuel pelo braço e o fez expandir seus estudos na Bahia. Há cerca de dois anos vivendo em terras metropolitanas, ele mantém a forte ligação com o Cariri e analisa o cenário LGBT da região. "Temos coletivos independentes que discutem a questão da mulher. Instigados por algumas pesquisadoras que há mais de uma década estudam isso, como a Salete Maria que foi professora da URCA.". O pesquisador ressalta que Salete Maria, junto de outras mulheres, promoveu os primeiros debates feministas. "Isso há vinte anos".

Em tom crítico, o pesquisador relaciona o material televisivo com as pautas dos movimentos sociais e LGBT. Ele diz que atualmente não acompanha a mídia local, no entanto, em âmbito geral, vê uma mídia que não se preocupa em aprofun-

dar o debate da violência de gênero ou dos grupos subalternos.

Na contramão dessa pedante mídia, o cinema contemporâneo local e independente traz propositalmente conteúdos sobre a travestilidade, o feminino e a marginalização, sejam em produções ou exhibições.

Essa galera nova que fabrica audiovisual no Cariri aproveita a própria terra e a cotidianidade. Consumidor desses produtos, Samuel é pontual quanto ao que espera. Ele quer mais gente contando histórias através dos takes e mais incentivo financeiro. "Precisa de um duplo movimento: formação das pessoas que queiram fazer cinema através de cursos ou faculdade de cinema, aliada ao incentivo público." finaliza.]

Ô ABRE ALAS, QUE ELA

De ícone barbalhense à viral da internet. Ela protagoniza
Recém-chegada ao mundo de celebridade, Saullo B

Ribamar Junior

Em uma casa simples nas Malvinas, em Barbalha, a web celebridade caririense mais comentada da internet aguarda ser perfilada. Seu amigo e dançarino, Bruno Allan, pede para esperarmos alguns minutos enquanto ela termina a maquiagem. O encontro se dá pouco tempo depois na praça Maria Duarte Vieira, próximo dali. Calçada em uma havaiana cor-de-rosa, ela aparece com um vestido multicolorido e um batom avermelhado, segurando um salto alto que não sabe quantos centímetros tem, mas diz se sentir melhor nele. Para quem está acostumada com os vinte centímetros que um par de tijolos tem, com certeza, aquela sandália era fichinha.

Saullo Berck, antes chamado de Saullo Flawless, “só que nunca perfeita”, enfatiza ela, está prestes a fazer 17 anos e já é coroada a Rainha dos Tijolos com mais de um milhão de acessos no Youtube. Números que significariam pouco não fosse fato de que a importância pela performance de Saullo fora do virtual é igual. Antes de começar a entrevista, enquanto a equipe tenta calçar e se equilibrar em cima do salto número 40 dela, é perguntado se a sua pessoa prefere ser chamada de ele ou ela - nesse caso, ela - diz “do que você quiser”. A mesma pergunta fez a Rainha dos Baixinhos no ano passado, quando Saullo foi para o seu programa na Record.

Durante a entrevista, ela acena para quem passa na rua, tira selfies

e dança. Quase não fica sentada. Saullo descobriu que queria ser dançarina ainda criança. “Lá em casa são três homossexuais, meu irmão inclusive dança comigo”, diz ele. Os três dançavam em casa, a mãe sempre foi tranquila “e favorável” em relação a isso, já pelo opai sofreu um pouco de rejeição.

“
A performer tem um grupo de forró. Sua próxima meta é gravar um EP para entrar na vida noturna”

“Minha mãe me chama de tudo, de ele, de ela, de viado”, conta ela. Suas grandes inspirações são a web celebridade Romagaga Guidini e a youtuber Camilla Uckers. Foi em uma tarde, no final de 2014, depois de ouvir a música Rola La Rola de Romagaga que Saullo teve a ideia de subir nos tijolos pela primeira vez. “Como eu não tinha condições de comprar um salto daquele, vi os tijolos e subi em cima”, explica. Saullo gravou um vídeo, foi compartilhado e o sucesso começou.

O nome Berck vem de um amigo, o Saullo vem de berço. Ela só se veste com roupas consideradas femininas para entrevistas e apresentações. Apesar de transitar entre o gênero masculino e performar com o feminino, ela conta que se identifica mais com





QUER PASSAR

iza um dos canais de vídeo caririenses de mais sucesso.
Berck conta como subiu nos tijolos pela primeira vez

o último. Diz ter uma grande admiração pelo feminino. "Eu não me vejo como mulher, sou viado e tudo... Sou mais como uma drag-queen, só que mais simples", pontua. Os dançarinos não se vestem com os mesmos trajes, apenas em apresentações. "Nas apresentações podemos tudo", completa Bruno do grupo Dolls Domination, vencedor de muitas disputas de dança na própria cidade. Saullo participou do grupo, que nasceu em 2013, por cinco meses, mas seguiu carreira solo após os primeiros vídeos gravados. Nas segundas gravações, as meninas do grupo começaram a participar e funcionaram como "um cálcio e um brilho nas performances de Saullo", continua Bruno. A festa religiosa do Pau da Bandeira, também conhecida como Festa de Santo Antônio, é a comemoração anual em que sempre participam, e ganham.

Sem gravar vídeos a quase um mês, Saullo diz estar sem tempo por conta da escola e das apresentações. Está passando por um hiato, elaborando melhores ideias. Na rua, não há mais constrangimento, é querido pelo bairro. Apaixonado pelo teatro, a performer diz que os vídeos que mais repercutem na internet são os mais humorados. Entre desfiles, brigas e quedas, Saullo e as amigas já gravaram de quase tudo. Ele está sempre conectado as redes sociais, Facebook, Instagram, Snapchat e outras, mas confessa que é desleixado com o Twitter.

Ela não quis mostrar a recente tatuagem nas costas com o nome da cantora Anitta, que rendeu elogios e críticas na sua página oficial, por que ainda faltava fazer alguns retoques. Inclusive já realizou seu grande sonho de conhecê-la em um show de Fortaleza, mas quer participar de muitos outros. Quem facilitou o encontro das celebridades, foi o diretor criativo ítalo-brasileiro, Giovanni Bianco, responsável por produzir a capa do álbum *Rebel Heart* (2015), como

“Saullo quer ser atriz. Mas não pensa em estudar dramaturgia aqui, quer ir embora.”

também diversos singles da Madonna, Rainha do Pop. Bianco seguiu e comentou algumas fotos no instagram de Saullo, dizendo que queria conhecê-lo. Em uma foto em que Saullo estava no salão, arrumando seu cabelo "babado", como ela diz, Anitta comentou: "Quero te conhecer!". Saullo diz que não foram nem dois Vs. O de vai e outro de volta. A produtora dela a viu antes do show e proporcionou o encontro. Os vídeos podem ser vistos nas redes sociais.]



O Horizonte do Salto 15

O que antes era hobby, hoje é estilo de vida. Nicolas Bergson conta que atravessou a ponte da descoberta de si com o salto alto

Nicolas está sempre maquiado. Com o esmalte cor urbana, olhos pintados e tranças de kanecalon — visual muito usados em cabelo afro — vermelhas, ele conta que não lembra quando começou a dançar, mas relembra que desde pequeno sobe nos saltos da mãe e desfila no corredor de sua casa. “É o que fez toda criança viada”, brinca ele. Aos 22 anos, Nicolas Bergson é estudante de artes visuais da Universidade Regional do Cariri (URCA), dançarino e professor de Stilleto Dance da Academia Ballet Rocha em Juazeiro do Norte e também dá vida a Nicole Rasta.

O dançarino que começou a sua trajetória no colégio, passou para o hip-hop e acabou ministrando aulas, oficinas e workshops de dança em salto alto, hoje considera o dançar um estilo de vida. A sua história com o salto começou em 2014, quando ele foi conseguindo se destacar nas aulas e ganhando confiança da professora para deixar de ser aluno e se tornar um professor. Aos poucos ela foi o capacitando para não só reproduzir o que fazia, mas guiar sua própria aula e traçar seus próprios métodos didáticos. Para isso,

ele confessa que teve de deixar um pouco o balé de lado, mas que consegue lidar com a sapatilha e salto ao mesmo tempo.

“Foi uma ponte que me levou às coisas que eu descobri”, explica ele sobre o processo de transição de aluno para professor e do que ele era para o que ele é hoje, ambos caminharam dia-a-dia, lado a lado. “Como isso fica bonito em mim, preciso usar isso até morrer!”, exclama de quando passou batom a primeira vez. Nicolas também é Drag Queen. Sua versão artística performática se chama Nicole Rasta. Sobre ser dragqueen eu posso dizer pouca coisa, Nicole é algo muito recente, estou me descobrindo, me construindo”, diz ele. O Rasta ele não escolheu, foi sugestão de um amigo depois de fazer suas primeiras tranças.

No Cariri algumas academias já vinha elaborando propostas de Stilleto Dance, mas foi com a Ballet Rocha que prática se consolidou. A proposta dos seus exercícios fogem da rotina, não parecendo com a musculação, por exemplo. O encontro ocorre em todas as segundas e quartas-feiras com às 18:30h. Na academia, atualmente, ele só tem



Nicolas (sobre o uso de batom): como isso fica bom em mim, preciso usar isso até morrer



alunas, mas alguns homens já se interessaram através da curiosidade, mas não continuaram indo nos encontros.

Os sapatos tidos como masculinos sempre tiveram saltos principalmente mais baixos. Historicamente, muitos guerreiros do Oriente Médio usavam os saltos para funcionalidade. As famosas Beatle boots, duas polegadas do calcanhar cubano, reintroduziram e inicializaram os homens no calçado. O uso do salto tem conquistado debates diante das políticas sexuais e de gênero. Desde o movimento de libertação das mulheres intensificado em 1970, foram se reinventando a estética da sandália, ora rejeitada pelas mulheres, por remeter a uma condição de padrão de beleza feminino, e ora desconstruindo a heteronormatividade social entre gays, travestis, drag queens e transexuais. “Sobre ser gay ou ser viado não tenho isso como xingamento”, completa Nicolas.]

#DESCASCANDO BANANAS

Viado Comunista

Ribamar Junior

“Não adianta falar para acadêmico”, alertava uma amiga jornalista sobre os dilemas de se discutir temas políticos na academia. Não pensei duas vezes e logo lembrei do texto de um professor querido, Ricardo Salmito, Na Porta do Banheiro, publicado no impresso Baldio. No texto, ele explica o seu sentimento diante de encontrá-lo no banheiro masculino do campus da UFCA em Juazeiro do Norte, a frase racista “Vamos Matar os Negos”, seguida de outra “Limpar o Mundo”.

Essa é apenas uma das frases machistas, racistas e homofóbicas que “enfeitam” os banheiros dos homens na Universidade. Não vou citá-las, tendo em vista que o falo — representações do pênis, estritamente, também considerado signo de poder — segundo o filósofo Preciado, não existe, então, para mim, elas não existem, são representações que carregam significações ruins. Talvez necessárias para serem reinventadas, como continua o relato do professor, ao entrar novamente no banheiro e dar de cara com a frase “Amo Matar os Egos”, seguida de “Love”.

Acontece que esses dizeres escritos nas portas dos banheiros, principalmente públicos e masculinos, são a prova dos nove do recado da minha amiga. Como sugere a intervenção, seria necessário matar os egos para através do amor, outras dinâmicas de convivência se estabeleçam nas formas de produções do

prazer-saber e do cotidiano, uma vez que as mesmas estão inteiramente ligadas ao ensino-aprendizagem em âmbito acadêmico. Mas é no banheiro que o pau, figurado como parte privada do corpo dito masculino se expressa. Enquanto o cu e a necessidade funcional do mesmo carregam o peso maior no pudor social.

Outro dia, voltando para casa, escuto no ônibus os argumentos de um eleitor de Bolsonaro, nesse momento “Tudo viado comunista”, ele berrava fazendo questão de dizer que era direitista. “É

falta de corretivo, isso aconteceu porque nossa geração usou Merthiolate que não arde”.

A real é que todo mundo quando criança temia o tal do Merthiolate que ardia. Talvez tivesse aquele pai, ou tio, ou até mesmo mãe, que dissesse: “Vire macho, aguarde uma dorzinha dessa, rapaz”. Mas acontece que dentre do debate de quem veio primeiro, do ovo e da galinha, entre o desejo e o remédio, veio primeiro o desejo. Não foi por causa de um arranhão que hoje a comunidade LGBT e queer, também chamada de transviada, está aqui. Não foi por isso que elas chutaram seus armários. Foi por querer existir, por romper com o silêncio do corpo e da vontade. O silêncio fala muito, mas era preciso gritar. Naquele dia, meu silêncio falou, mas a pose dele não merecia gritar. Seu machismo é igual cueca com enchimento, só lamento.]



Linhas de Resistência

Para a jornalista Élida Gomes, o bordado é mais que costura. Aliado ao feminismo, e à sua profissão, ele é luta

Mariana Caselli

“A arte imita a vida ou a vida que imita a arte?” Seguindo qualquer uma das hipóteses, uma coisa é fato: os humanos, ao longo do tempo, costumam dar novos significados a coisas que já existem. Um dos exemplos é o bordado: quando ele se une ao feminismo, torna-se uma forma de resistência, em vez de uma tradição.

Élida, que aprendeu a bordar sozinha e que se interessou pelo bordado por causa do artista cearense Leonilson, diz que o bordado feminista veio para ajudar a derrubar essa carga opressora que essa forma de arte traz historicamente consigo. “Eu tanto desejo quanto acredito que o bordado deve deixar de ser feminino e se tornar feminista. Enquanto jornalista eu acredito na transformação do bordado em mídia empoderadora, deixando de ser apenas artesanato e se tornando também ferramenta de expressão e revolução feminina”.

Não se sabe ao certo quando o movimento começou, mas suas precursoras e todas as outras bordadeiras trazem em seus bordados temas como sexualidade feminina, gênero, liberdade, posição social, padrões de beleza, e várias outras temáticas feministas.

Um bom exemplo dessa arte é a escritora iraniana Marjane Satrapi, autora do famoso livro *Persépolis*. A segunda obra de Marjane chama-se *Bordados*, e tem como tema as iranianas de sua família.

No Irã, a palavra bordado tanto é uma equivalente à nossa palavra brasileira “tricotar” (ou seja, fofocar) quanto se refere à cirurgia de reconstituição do hímen. E o



Élida mostra o bordado da cantora Elza Soares

patriarcado tanto nos diz que apenas mulheres fofocam, quanto nos faz acreditar que a perda da virgindade é algo vergonhoso.

O bordado feminista é apenas uma das várias formas de mudar a sociedade em que vivemos. O feminismo se espalha em tudo que conhecemos, mostrando ao mundo e ensinando a nós, mulheres, que somos livres para sermos quem e o que quisermos.]

“

Eu tanto desejo quanto acredito que o bordado deve deixar de ser feminino e se tornar feminista

”

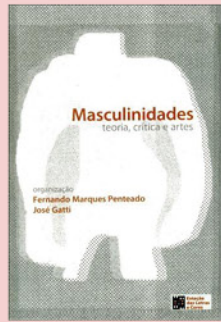
#GeleiaGeral

Você vai ler em:



Que os outros sejam o normal,
Leandro Colling (2015)

O livro fruto de uma pesquisa realizada entre 2013 e 2014, em Portugal, Espanha, Argentina e Chile, aponta as diferenças entre o movimento LGBT e ativismo Queer e/ou de dissidência sexual existentes nos locais analisados. Leandro é jornalista, mestre e doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas.



Masculinidades: Teoria, Crítica e Artes, Fernando Marques Pentead e José Gatti (2011)

Organizado em parceria, o livro reúne ensaios sobre o tema das masculinidades. Questiona o modelo hegemônico de ser homem e entre as áreas de cinema, história, antropologia, comunicação, letras, sociologia e arte desconstroem a virilidade.



Flores Raras e Banalíssimas
(1995)

1951 a 1967 é o espaço temporal que abarca a história de Maria Carlota Costallat de Macedo Soares, Lota, e a poeta norte-americana Elizabeth Bishop. A biografia de Carmen L. Oliveira mostra duas fortalezas de mulheres, que se põem frente ao poder patriarcal de sua época, ao mesmo tempo em que escancara a fraqueza e instabilidade emocional.



Ingressos:

Juazeiro
Avalon Locadora - R. Padre Cícero,
740, Tel: (88) 3587-1884

Crato
Loja Trilha Sonora - R. Dr. João
Pessoa, 91 - Centro
(88) 3521-8122

Onde dar o close certo

- Sábado, 30 de Abril às 22h, na PY Club - Tocaí especial - Monster Party
O Tocaí MONSTER PARTY é uma festa feita para você, fã. Muita Lady Gaga ao longo da noite e o melhor do POP

- Sábado, 7 de Maio às 23:00, Raul Rock Bar & Café - Especial Maria Bethânia - Tom Jobim & Vinícius de Moraes
Janinha & Banda (Crato) - Pela primeira vez no Cariri um show em homenagem à maior lenda viva da música nacional; e grupo Mutucando (Juazeiro do Norte) - Sucesso de público e com excelente aceitação, o grupo já realizou mais de 15 shows, levando a música e poesia.

- Sábado, 14 de Maio às 22h, na PY Club - Tocaí especial - Beyoncé Limonade
Uma festa para agitar o Cariri com a bíblia que mostra o poder da mulher negra da Queen Bey.

- Sábado, 11 de Junho às 22h, Festa Crush - Noite dos Solteiros

#CorpoFalante

Luz e vento na
pele, liberdade
nunca sentida.
A paz de um
novo mundo.

O cheiro verde
pairava. Ficou
até o sol se pôr
e depois foi
embora viver

Mariana Caselli

